

ADOLFO CAMINHA E A PADARIA ESPIRITUAL

Edmílson Caminha Júnior

Estava, enfim, criada a "Padaria Espiritual", essa "Padaria" de que hoje se fala até na rua do Ouvidor. . .

A.C., nas **Cartas Literárias**

Vários são os movimentos literários, mais ou menos organizados, de que se tem notícia no Ceará do século XIX: efêmeros e de não muita significância, uns; mais duráveis e de repercussão nacional, outros. A propósito deles escreveu, animado, o crítico José Veríssimo: "Não é muito dizer que talvez seja depois do Rio o Ceará a terra do Brasil onde é menos apagada a vida literária e maior a produção."¹ De todos esses movimentos — da **Academia Francesa** (1873) ao **Centro Literário** e à **Academia Cearense** (de 1894, ambos) — o mais original, criativo e de maior projeção nacional foi, sem dúvida, a **Padaria Espiritual**, de que Adolfo Caminha foi um dos fundadores.

Esse grupo singular, que tanto escandalizou a provinciana Fortaleza *fin de siècle* (e não era outro seu intento), nasceu nas mesas do famoso **Café Java**,² como depõe Antônio Sales, àquela época um jovem de 24 anos: "Foi no 'Java' que, com a colaboração material de Mané Coco (seu proprietário), nasceu a 'Padaria Espiritual'. Éramos um pequeno grupo de rapazes — Lopes Filho (24 anos), Ulisses Bezerra (27 anos), Sabino Batista (24 anos), Álvaro Martins (24 anos), Temístocles Machado (18 anos), Tibúrcio de Freitas (de idade incerta) e eu, que ali nos juntávamos a uma mesa para conversarmos de letras."³ Foi Antônio Sales o principal articulador da associação, quem lhe imaginou o nome, redigiu-lhe o programa e propôs-lhe, até, o **estilo de vida**:

¹ *Apud* Dolor Barreira, **História da Literatura Cearense**, tomo I, p. 178.

² Segundo Raimundo Girão, na sua **Geografia Estética de Fortaleza**, o **Café Java** localizava-se no ângulo nordeste da Praça do Ferreira, defronte ao ponto em que hoje está a Caixa Econômica Federal.

³ **Retratos e Lembranças**, pp. 11 e 12.

"Ulisses e Sabino insistiram para que formássemos um grêmio literário para despertar o gosto das letras, então em estado de letargia; mas eu me opunha. Uma sociedade literária, como já se haviam fundado tantas, com caráter formal de academia-mirim, burguesa, retórica e quase burocrática, era cousa para a qual eu sentia uma negação absoluta. Só se fosse uma cousa nova, original e mesmo um tanto escandalosa, que sacudisse o meio e tivesse uma repercussão lá fora."⁴

Assim, a **Padaria Espiritual** se propunha ser, em tudo por tudo, criativa e original: por consequência do título, chamar-se-iam **padeiros** todos os sócios, sendo **padeiro-mor** o presidente, **forneiros** os secretários, **gaveta** o tesoureiro e **amassadores** os demais membros; **forno** a sede oficial, e **fornadas** as reuniões. O jornal da entidade, lógico, seria **O Pão**. O programa de atuação foi transcrito e comentado em vários jornais do país, mercê da inteligência e do bom humor com que foi redigido. Desde logo patenteou-se o caráter chistoso, iconoclasta e escandalizante da agremiação, como provam alguns artigos da sua **carta magna**:⁵

"Art. 5^o — Haverá um livro especial para registrar-se o nome comum e o nome de guerra de cada Padeiro, sua naturalidade, estado, filiação e profissão, a fim de poupar-se à posteridade o trabalho dessas indagações.

Art. 17 — O Padeiro que for pegado em flagrante delito de plágio, falado ou escrito, pagará café e charutos para todos os colegas.

Art. 24 — Trabalhar-se-á por organizar uma biblioteca, empregando-se para isso todos os meios lícitos e ilícitos.

Art. 26 — São considerados, desde já, inimigos naturais dos Padeiros: o Clero, os alfaiates e a polícia. Nenhum Padeiro deve perder ocasião de patentear o seu desagrado a essa gente.

Art. 37 — Publicar-se-á, no começo de cada ano, um almanaque ilustrado do Ceará, contendo indicações úteis e inúteis, primores literários e anúncios de bacalhau.

Art. 39 — As mulheres, como entes frágeis que são, merecerão todo o nosso apoio, excetuadas: as fumistas, as freiras e as professoras ignorantes.

Art. 46 — O Padeiro que, por infelicidade, tiver um vizinho que aprenda clarineta, piston ou qualquer outro instrumento irritante, dará parte disto à Padaria, que trabalhará para pôr termo a semelhante suplício."

A par desse caráter galhofeiro e, até certo ponto, agressivo, foi a **Padaria**

⁴ *Ib.*, p. 12.

⁵ V. Leonardo Mota, A "**Padaria Espiritual**", pp. 25 a 31.

Espiritual de um pioneirismo notável quanto à valorização da língua e das coisas brasileiras, ao rezar no artigo 14 do Programa: “É proibido o uso de palavras estranhas à língua vernácula”. E mais adiante, no artigo 21: “Será julgada indigna de publicidade qualquer peça literária em que se falar de animais ou plantas estranhas à fauna e à flora brasileiras, como: **cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho**, etc., etc.” Nesse ponto, como bem notou o Prof. Sânzio de Azevedo, anteciparam-se os cearenses à própria **Semana de Arte Moderna**, concorde nos mesmos ideais, que viria a acontecer dali a trinta anos.

Interessante notar determinados aspectos do Programa de Instalação da **Padaria**. Apesar da irreverência e do antipassadismo que caracterizavam o grupo, lê-se, no artigo 20: “Durante as fornadas, é permitido ter o chapéu na cabeça, exceto quando se falar em Homero, Shakespeare, Dante, Hugo, Goethe, Camões e José de Alencar, porque, então, todos se descobrirão.” No artigo 26 considera-se o clero, desde já, inimigo natural dos **padeiros**. Três itens depois, porém, estabelece o programa: “Haverá uma pedra para se escrever o nome do Santo do dia, nome que também será escrito na ata, em seguida à data respectiva.”⁶ Eram os **padeiros**, assim, não ateus possuídos do demônio, como se pode ter pensado, mas tão-somente jovens infensos à hipocrisia e ao carolismo que dominavam boa parte da Igreja, àquela época.

Estranha Pedro Nava, o festejado memorialista mineiro, que, passado pouco tempo desde o aparecimento da **Padaria**, já os estudiosos divirjam e até se contradigam quanto ao número de membros e à sua ordem de entrada na instituição.⁷ Não obstante, quaisquer que tenham sido, em verdade, esse número e essa ordem, aparece Adolfo Caminha — ou **Félix Guanabarin**, seu nome de guerra — como um dos fundadores. É ele mesmo quem conta, nas suas **Cartas Literárias**: “Aos tantos de maio de 1892, foram ao escritório do ‘Diário’, jornal em que eu trabalhava, dois rapazes (lembra-me bem que um deles trazia *pince-nez*) convidar-me para fundar uma sociedade literária, cujo nome fosse ‘Padaria Espiritual’.”⁸

A primeira **fornada** aconteceu na noite de 30 de maio de 1892, uma segunda-feira,⁹ no número 105 da então Rua Formosa (hoje Barão do Rio

⁶ V. Leonardo Mota, *op. cit.*, pp. 28 e 29.

⁷ O próprio Nava contribui para esses desencontros, ao perfilhar, nas memórias do **Baú de Ossos**, determinados lapsos do **padeiro** Antônio Sales, por sinal que seu tio afirm. Dessa forma, escreve ter sido **José Marbri** o pseudônimo (no caso, criptônimo) de José Maria Brígido, quando na verdade o foi de Raimundo Teófilo de Moura (v. Leonardo Mota, *op. cit.*, p. 23).

⁸ *Apud* Dolor Barreira, *op. cit.*, p. 136.

⁹ É a seguinte a íntegra da notícia com que o jornal **A República** enuncia o nascimento da **Padaria Espiritual**: “Instala-se hoje esta sociedade de rapazes de letras, que, parecidos, vai iniciar uma nova fase de utilidade intelectual em nossa terra. Depois de uma

Branco), e dela Caminha, jovem de 25 anos, participou ativamente, como informa a edição d'A República do dia seguinte: "Antônio Sales leu uma esplêndida carta que a Padaria vai dirigir a Ramalho Ortigão, e Adolfo (Caminha) uma outra, igualmente deliciosa, com endereço a Guerra Junqueiro. (. . .) Adolfo Caminha leu, a pedido do autor, uma formosíssima poesia de Álvaro Martins, consagrada à memória de Alfredo Peixoto." Na sessão de 13 de junho, foi o futuro autor de *Tentação* o escolhido para apresentar carta dirigida por Artur de Oliveira à filha de Teophile Gautier. É ainda A República quem anuncia, a 9 de julho, uma "grande matinée" promovida pelos *padeiros*, em regozijo pelo lançamento d'O Pão, especificando: "A parte dançante será dirigida por Silvino Batalha, Sátiro Alegrete, Anatólio Gerval e Félix Guanabarinó". De outra feita leu Adolfo, durante concorrida *fornada*, um capítulo de A Normalista, "romance naturalista e descritivo" que então escrevia.¹⁰

Pedro Nava — filho de José Nava (ou Gil Navarra), o mais jovem dos *padeiros* — divide a história da Padaria Espiritual em três fases: "A primeira, de início, errante, dos cafés Java e Tristão e depois dos *fornos boêmios* da Rua Formosa, 105, 106 e 111. A segunda, mais doméstica e com reuniões em casa dos *padeiros*. A terceira, de dispersão, desânimo e fim."¹¹

última campanha literária de que foi chefe João Lopes e que deixou tão luminosos traços de sua ação, nossa mocidade inteligente havia caído numa inércia, numa inatividade verdadeiramente lamentável. Hoje, porém, graças aos esforços de alguns boêmios das letras, surge a Padaria Espiritual, que com certeza vai dar alimento a muito cérebro faminto, caso que executem o brilhante e curioso programa que se impuseram. O forno da Padaria está montado à rua Formosa, 105, e começa a funcionar hoje às 7 horas da noite. Agradecemos o amável convite que nos foi dirigido para a festa de instalação, cujo cardápio é o seguinte: Leitura do programa; execução da música 'Padaria Espiritual' em flauta, violino e piano; leitura de cartas dirigidas a Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro e Paula Ney; leitura de produções originais dos Padeiros. Nota: não haverá discursos."

¹⁰ Pelo exposto, não entendemos ter tido Adolfo Caminha "participação quase nula na agremiação", como escreve o Prof. Sânzio de Azevedo na sua conhecida *Literatura Cearense* (p. 161). Leonardo Mota, outro grande estudioso da Padaria, afirma: "Queiro acreditar que Adolfo Caminha, o glorioso, irrequeto Félix Guanabarinó, teimou em se revelar um *padeiro* pouquíssimo animado de boa vontade para com a 'Padaria Espiritual'. Compareceu às reuniões apenas durante as três primeiras semanas de vida da sociedade, e assim mesmo só uma vez condescendeu em ali erguer a voz". . . (*op. cit.*, pp. 132 e 133). Preceitua o programa de instalação, no seu artigo 8º que as sessões "se realizarão diariamente, à noite, à exceção das quintas-feiras, e aos domingos, ao meio-dia." Assim deve ter sido, pelo menos nos primeiros tempos. Ora, a 9 de julho — quase dois meses, portanto, depois da *fornada* inaugural — lá estava Caminha organizando a "grande matinée" de que falamos acima. Cremos, assim, ter-se enganado o popular Leota ao avaliar a participação de Adolfo na Padaria.

¹¹ Pedro Nava, *Baú de Ossos*, p. 90.

Sem dúvida, foi o primeiro o período mais original e interessante, como bem definiu Moacir Jurema (Antônio Sales) no seu *Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual*, a contar de 30 de maio de 1892 (dia de sua fundação) a 28 de setembro de 1894: "Fase bulhenta e boêmia em que se fazia mister forçar a notoriedade pelo escândalo das atitudes imprevistas e chocantes para o ramerrão do meio". De fato, sucessivas edições d'*A República* nos trazem a galhofa e o inusitado daquelas animadíssimas noitadas. Como, por exemplo, a **fornada** comemorativa do aniversário de Silvino Batalha: "Às sete em ponto a vítima fará sua entrada solene no forno, vestida de **jockey** de cor *gris et grenat*, montada num cabo de vassoura, tocando um berimbau de barriga (. . .) Finda a parte musical, começará a literária pela leitura do profundo, psicológico e original drama intitulado: — A HONRA DA MULHER VALE UM ASSASSINATO — produção do descomunal dramaturgo luso-cearense Alexo Anastácio Gomes, a qual será feita pelo **padeiro-mor** Venceslau Tupiniquim que, vestido de Mefistófeles e empunhando uma vara de cego, dará ao ato a maior solenidade possível. (. . .) Se houver tempo será chamado o **padeiro** José Marbri para se explicar sobre a despescação da **caixa dos pobres**; e depois da respectiva explicação, o mesmo **padeiro**, que é o Lafontaine da Padaria, em seu estilo **fabulento**, provará que um jumento velho que a defunta avó dele tinha, de nome **Doutor**, corria mais do que o melhor cavalo do prado. São convidadas todas as pessoas que lerem este anúncio e com especialidade os burgueses e cidadãos ignaros."¹² Ou a que iria festejar a idade nova de **Frivolino Catavento**: "**Policarpo Estouro** fará uma dissertação sobre a superioridade da raça latina, tornando patentes os grandes benefícios que os descendentes dos roubadores das Mulheres Sabinas prestaram ao mundo. **Corregio**, em tom grave, de membro do Instituto (Histórico e Geográfico do Ceará, fundado em 1877), propõe-se a provar que o nariz de Cleópatra não é o que dizem. (. . .) Dois inspirados cantadores e um emérito tocador de viola far-se-ão ouvir, enquanto os **padeiros** sapatearão, com a energia e convicção que pode dar uma dose de Cumbe (famosa cachaça cearense) com aluá."¹³ Tudo isso deve ter acontecido de fato, conforme está nas notícias: rapazes vestidos de jóquei, cavalgando cavalos de pau, bebendo, cantando, gozando. . . Ridículo? Não achamos, honestamente. Ou será que literatura sempre se haverá de associar a olheiras, palidez, tuberculose e desengano?¹⁴ A verdade é que de grupo assim — moços tão brincalhões quanto talentosos e inteligentes — jamais se teve notícia na história da Literatura Brasileira. . .

¹² *Apud* Dolor Barreira, *op. cit.*, pp. 144 e 145.

¹³ *Id., ib.*, p. 145.

¹⁴ É certo que os alegres rapazes da Padaria exageravam um pouco, como na ceia comemorativa do aniversário de Antônio Sales, segundo relato de Leonardo Mota (*op. cit.*,

A segunda fase da **Padaria Espiritual** — que tanto desgostou Adolfo Caminha — começa a 28 de setembro de 1894, com a admissão de novos sócios. Perdem então, os **padeiros**, muito da irreverência e do bom humor que os fizeram famosos,¹⁵ tornando-se mais compenetrados, circunspectos, mesmo porque muitos haviam casado. As sessões, agora, eram quase formais, solenizadas pelas presenças das esposas, limitando-se os sócios à apresentação das produções literárias de cada um. Começa aí, a nosso ver, o lento declínio da **Padaria**, o que não nos deve causar espanto: afinal, os outrora jovens e iconoclastas **padeiros** haviam envelhecido um pouco, trocado a boêmia noturna pela responsabilidade de pais de família. Natural, portanto, que às troças e bizarrices fosse posto um termo. Demais, alguns fundadores já não viviam, enquanto outros se tinham mudado de Fortaleza.¹⁶

Adolfo Caminha voltara a morar no Rio em 1893, onde, a par do modesto emprego de funcionário público, exercia crítica literária em alguns jornais.¹⁷ De lá manifestava, sempre que possível, o seu desagrado pelos rumos que tomara a **Padaria**: para ele o grupo era, agora, “uma sociedade literária grave, ‘ajuizada’, com uma ponta de oficialismo, sem os ideais doutro tempo, sem aquela orientação nova, sem aquelas audácias que faziam dela um exemplo a imitar, alguma coisa superior a um rebanho de ovelhas. . .”. E relembra-va saudoso os tempos do começo: “Nenhuma formalidade banal, cousa alguma que nos desse ares de acadêmicos: a maior liberdade, a mais franca camaradagem. (. . .) Queixavam-se os vizinhos do berreiro infernal que fazíamos, parava gente à porta da casa (. . .) chamavam-nos doudos, idiotas, vagabundos!” Por fim, arrematava: “Para outros a ‘Padaria’ existe ainda tal qual era, cheia de vida, colaborando na obra da renascença artística do Brasil; para mim é que ela desapareceu, dando lugar a uma outra associação com o mesmo nome, porém sem o mesmo ideal da primitiva.”¹⁸

p. 42): “Os padeiros julgaram que a criada que viera servir a mesa fazia parte do cardápio, e como tal. . . Policarpo Estouro (Álvaro Martins) deitou, porém, energia e desfez o engano, não se saindo, portanto, do regime vegetariano. . .”. Diga-se que Adolfo Caminha parece não ter gostado de brincadeira, pois que no outro dia, ao assinar a ata do encontro, fez questão de lhe apor um sisudo “com restrições”. . .

¹⁵ Não de todo, porém, como se lê n’**O Pão**, a respeito da festa com que a **Padaria** homenageou Juvenal Galeno pelos seus cinqüenta e nove anos de vida: “Dentre os nossos consócios há alguns casados, e assim se explica o fato de ter gorado a nossa surpresa”. . .

¹⁶ Em carta a Eusébio de Sousa (*apud* Leonardo Mota, *op. cit.*, p. 117), escreve Antônio Sales: “Dissolvida a associação, por morte, por expatriamento e, finalmente, pelo desânimo dos ‘Padeiros’”. . .

¹⁷ Mais tarde, reuniria esses artigos em livro (**Cartas Literárias**, Rio, Tip. Aldina, 1895).

¹⁸ **Cartas Literárias**, pp. 161, 163 e 164.

Com efeito, a entidade se tornara quase uma academia, igual às centenas que ainda hoje existem pelo país afora. Não viu, porém, Adolfo, a intensa produção literária da **Padaria**, que caracterizou essa nova fase. É de surpreender, hoje, o arrojado programa editorial por ela desenvolvido, trazendo a lume várias obras de muito boa qualidade.¹⁹ Em termos estritamente literários foi, sem dúvida, como opina Leonardo Mota, “o período mais brilhante da vida da instituição”.

Pelas freqüentes críticas que já endereçara à **Padaria Espiritual** — não somente à **Padaria** em si, mas também a alguns de seus membros mais influentes, como Antônio Sales e Rodolfo Teófilo — acabou Caminha por se incompatibilizar com a agremiação. Foi eliminado dos seus quadros, juntamente com Eduardo Sabóia, em 1896, em razão do seu “procedimento menos correto e mesmo grandemente desleal”.²⁰

Ao contrário do que se possa pensar, não se guardaram, de parte a parte, maiores rancores: **O Pão** jamais publicou os decretos de expulsão, e Antônio Sales — criticado com tanta veemência pelo autor do **Bom-Crioulo** — mais tarde o chamaria de “jovem, belo, talentoso”, autor de **A Normalista**, “romance que ocupa um lugar distinto entre as nossas obras de ficção”.²¹ Ao tempo em que já opunha restrições aos consócios cearenses, escrevia Adolfo do Rio, numa carta para Sabino Batista: “Obrigado a vocês todos dessa ‘Padaria’ que se fez tão querida no Rio de Janeiro e em todo o Brasil. Meu desejo é que ela continue por aí afora conquistando glórias e mais glórias. Eu, de minha parte, farei o que puder em benefício dos padeiros.”²²

Reuniu-se a **Padaria Espiritual**, pela última vez, no dia 20 de dezembro de 1898, sob a presidência do baiano Rodolfo Teófilo. Desparecia assim aquela que, um dia, sentiu-se na obrigação de revolucionar as letras cearenses, arrastando-as do marasmo provinciano a que se acomodavam. E conseguiu, marcando fortíssima presença nos anais da Literatura Brasileira. Provam isso os nomes de quem, de alguma maneira, ocuparam-se em falar dela, durante

¹⁹ Algumas, apenas: **Trovas do Norte**, de Antônio Sales; **Os Brilhantes**, de Rodolfo Teófilo; **Contos do Ceará**, de Eduardo Sabóia; **Versos**, de Antônio de Castro; e **Phantos**, de Lopes Filho (esta, tida como das primeiras manifestações do Simbolismo no Brasil).

²⁰ Para Leonardo Mota (*op. cit.*, p. 136), a causa imediata do afastamento foi “a publicação de uma biografia de Adolfo Caminha no periódico português ‘A Mala da Europa’. Nessa biografia se acentuava que a ‘Padaria’ entrara num período de decadência, observação com que os Padeiros deram soleníssimo cavaco. Ainda assim, **O Pão** se referia em termos elogiosos ao biografado e atribuía a amigos deste a irritante informação ministrada à imprensa lisboense.”

²¹ **História da Literatura Cearense**, in **O Ceará**, p. 263.

²² *Apud* Leonardo Mota, *op. cit.*, pp. 135 e 136.

sua não muito longa existência: Machado de Assis, Raimundo Correia, José Veríssimo, Araripe Júnior, Coelho Neto, Clóvis Beviláqua e João Ribeiro. Para este último, foi a **Padaria Espiritual** não apenas um clube literário, mas uma **escola literária**, o que, convenhamos, é o maior elogio que se lhe poderá fazer.

Terá sido a **Padaria Espiritual** apenas uma “sociedade de rapazes de Letras e Artes”, como reza o artigo 1.º do seu programa de instalação? Acha Pedro Nava que não, e descobre velados propósitos, ideológicos e políticos, sob a aparência com que se apresentava ao público.²³ Para ele, era a entidade “extremista, socializante, levemente anarquista”. A partir da imagem do seu pavilhão, “pena e espiga de trigo bordadas em campo de sangue, do vermelho da revolução e da anarquia. (. . .) Os nomes ‘padaria’, ‘padeiro’, ‘fornada’ cheiram grandemente a suor proletário. (. . .) Além dos símbolos revolucionários, há o princípio fecundo do ódio ao burguês, da guerra ao burguês”. . . Rodolfo Teófilo — que se notabilizou como cientista ao empreender humanitária campanha de vacinação antivariólica, percorrendo os arrabaldes de Fortaleza em lombo de burro — aparece, aos olhos de Nava, como praticante de um “socialismo inédito, uma sorte de **tolstoísmo** em que ele e a mulher se despojavam para repartir tudo — roupa, comida, remédio, dinheiro, conselho”. Havia ainda, rondando permanentemente a **Padaria**, a figura do delegado de polícia, Major Pedro Sampaio, “que não faltava a uma sessão pública. Simpatia ou desconfiança profunda pelo pão que amassavam aqueles Diabos Padeiros?”

Interessantíssima essa **Hipótese Nava**, digna de ser aprofundada, mais ainda, por quem se proponha continuar a escrever a rica história da Literatura Cearense. . .

O CENTRO LITERÁRIO

Em 1894 surge, em Fortaleza, o **Centro Literário**, com objetivos semelhantes aos da **Padaria Espiritual**, e a esta intimamente relacionado — quer pelas presenças, nos seus quadros, de alguns **padeiros** dissidentes, quer por uma suposta rivalidade entre as duas associações.²⁴

Adolfo Caminha, por essa época, residia já no Rio de Janeiro, tendo sido eleito **sócio correspondente** da nova sociedade, ao lado de figuras do porte de Sílvio Romero, Araripe Júnior, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, João Ribeiro, Silva Ramos e Rodrigo Otávio.

Por ocasião da morte do autor d’**A Normalista**, reuniu-se o **Centro Literário** em sessão extraordinária, presidida pelo Barão de Studart. Presente um representante da **Padaria Espiritual**, de onde Adolfo houvera sido expulso seis

²³ Pedro Nava, **Baú de Ossos**, pp. 96 a 98.

²⁴ Rivalidade que, a rigor, nunca houve, como atestam notícias dando conta da presença de representantes da **Padaria Espiritual** nas festas e reuniões promovidas pelo **Centro Literário**.

meses antes. O orador oficial foi Pápi Júnior, tendo falado ainda Antônio Ivo (pela **Fênix Caixeiral**), José Irineu (pela **Classe Operária**) e Álvaro Martins (o **padeiro Policarpo Estouro**), "fazendo um apelo a fim de levantar-se uma subscrição em favor das duas filhinhas do malogrado homem de letras."²⁵

Registre-se o fato de ter o **Centro Literário**, à maneira da **Padaria**, desenvolvido substancioso programa editorial, de que destacamos o livro de Pápi Júnior, **Adolfo Caminha e sua Obra Literária**, publicado em 1898.

A ACADEMIA CEARENSE

Antecipando-se à própria Academia Brasileira de Letras, a **Academia Cearense** foi fundada no dia 15 de agosto de 1894; conta, assim, 88 anos de existência, sendo, das instituições literárias ora em atividade, uma das mais antigas do país.

A partir de 1922 passou a chamar-se, oficialmente, **Academia Cearense de Letras**, com um total de quarenta membros. Deliberou-se, então, conceder a cada uma das cadeiras, a título de patronato, o nome de um "cearense notável": a Adolfo Caminha coube, por critério alfabético, a cadeira no. 1, ocupada, sucessivamente, por Alfredo de Castro, Ermínio de Araújo e Sidney Neto. Seu atual titular é o professor, ensaísta, poeta e crítico literário Rafael Sânzio de Azevedo, autor, entre outras obras, da conhecida **Literatura Cearense**, de que tanto nos servimos na elaboração deste trabalho.

²⁵ V. Dolor Barreira, *op. cit.*, pp. 240 e 241.